

CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS

Vol. IX



Ademir Pascale
Organizador

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-30679-7

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

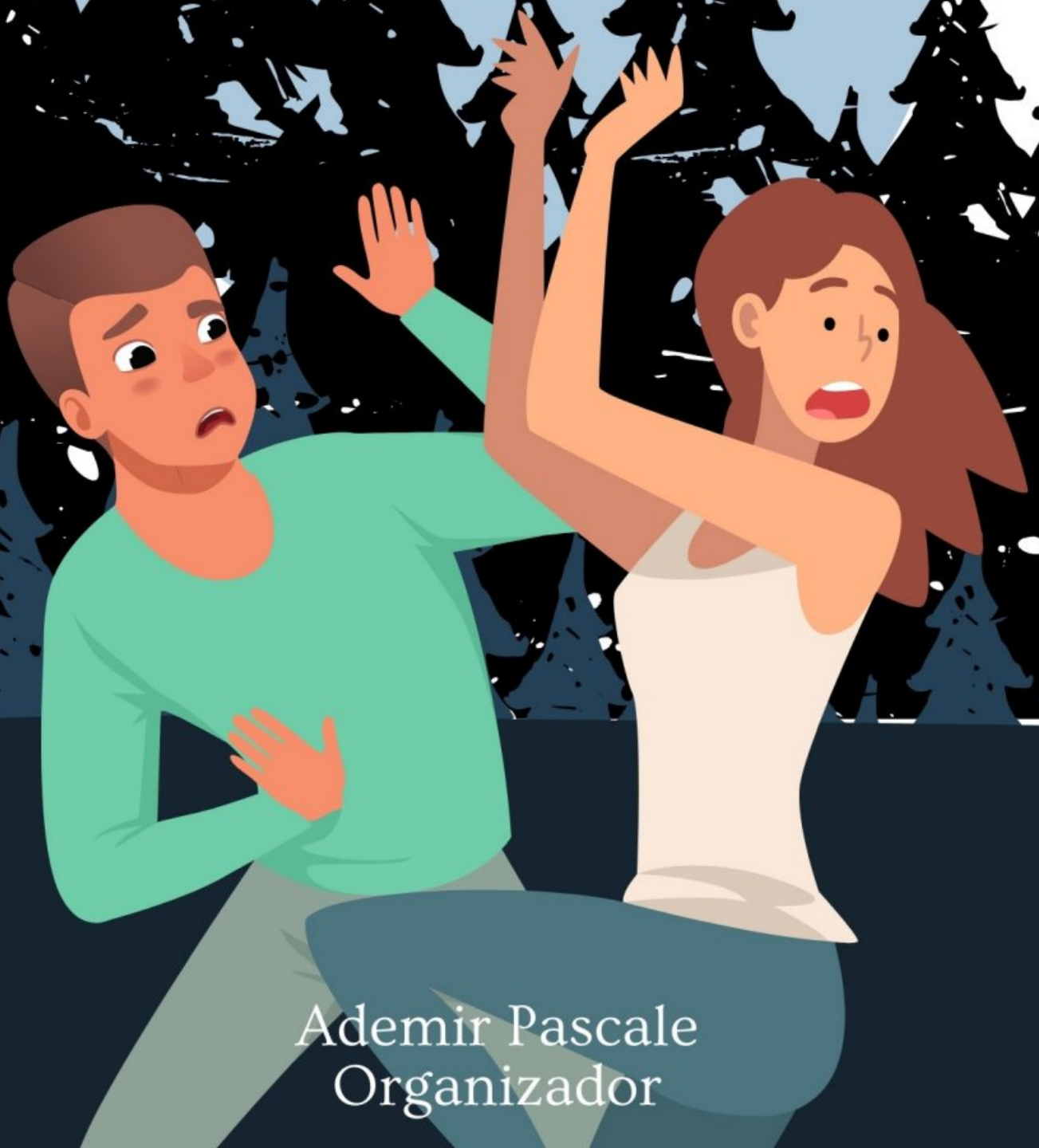
CLIQUE SOBRE O CAPÍTULO DESEJADO

- O ÚLTIMO LOBISOMEM, POR ABRAÃO, PÁG. 05
O COVEIRO, POR ADRIANA COSTA REIS, PÁG. 08
MANSÃO DAS SOMBRAS, POR ALDO MENDES FILHO, PÁG. 10
VISÃO DO INFERNO E A DIVINA MOLERA, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 13
UM DIA DE POLICIAL, POR FLAVIO JOPERT, PÁG. 14
O RASTRO DO SANGUE, POR GUILHERME BIONDANI VICOLLE, PÁG. 18
MÃE, POR HERBERT ARAUJO, PÁG. 23
CAPACETE, POR LUIZ OTÁVIO D. PINHEIRO, PÁG. 29
DA SÉRIE HISTÓRIAS DE REALISMO FANTÁSTICO NUMA HORA DESSAS, POR LUIZ OTÁVIO D. PINHEIRO, PÁG. 32
BARBAZUL DA VILA, POR MARIA CRISTINA BESSA LIMA, PÁG. 35
AOS DEUSES O QUE É DOS DEUSES, POR MARINA DIAS, PÁG. 41
O VELHO GUARDIÃO, POR PAULO JOSÉ DE TARSO GOMES FERNANDES, PÁG. 46
CHOCANTE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 49
EXQUIS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 51
MORTE COMO CERTA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 53
DE NOVO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 55
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 57



CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS

Vol. IX



Ademir Pascale
Organizador



APRESENTAMOS

O CONTO

O último lobisomem

Por Abraão

Abraão de Carvalho é professor de História, trabalha na Secretaria de Educação do Acre. Escritor de um livro chamado (Os revolucionários A Caminho da Liberdade). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira. Nas horas vagas gosta de passear a cavalo com a família.



John era caçador de lobisomem, vindo de uma geração de caçadores tradicionais, quando criança viu um homem se transformar em um lobo. A fera matou o pai dele em uma batalha colossal. Nunca mais John foi o mesmo, passou a vida viajando a procura da aberração.

Aos quarenta anos John não acreditava mais na existência de lobisomens, pois nunca mais ouviu falar em ataques estranhos. Ao chegar numa cidade pacata conheceu Luma uma jovem pura pela qual se apaixonou, ela dedicava parte de sua vida a ajudar o padre Anselmo na igreja.

O padre alertou ela sobre John.

— Minha filha você deve ter cuidado com esse forasteiro, não sabemos o que ele faz aqui na nossa cidade.

— Não se preocupe padre, ele é uma pessoa do bem.

— Tudo bem filha, acho que é exagero meu.

Luma despediu-se e foi para casa, a noite era de lua cheia, os cachorros estavam latindo por toda a cidade.

John estava com Luma, eles escutaram gritos de socorro vindo da Igreja e resolveram correr para lá. Ao chegarem no local encontraram uma beata estraçalhada no chão.

Luma entrou em pânico, John ficou pragmático puxou sua arma e carregou com balas de prata. A jovem ficou assustada, John explicou a Luma o que aconteceu na igreja.

— Luma, foi um lobisomem — disse John.

— Isso não existe John, deve ter sido um urso, sei lá!

John contou a Luma que seu pai foi morto por um lobisomem, e achava que era hora de acertar velhas contas.

— É ele, o lobisomem que matou meu pai — disse John.

Os cachorros latiam em direção ao bosque, John correu para lá, pediu para Luma ir para casa, mas ela não obedeceu.

Na floresta eles encontraram um cachorro morto. John e Luma se perderam um do outro. O lobisomem capturou ela e saiu arrastando pela floresta. O caçador seguiu o lobo pela mata, o perfume da jovem deixou rastros que somente o amor de John seria capaz de sentir.

A lua estava cheia, a noite clara como o dia, no alto da colina John viu uma cabana.

Ao chegar naquela casinha de madeira viu a Luma amarrada, a fera pulou na frente da jovem, John atirou, mas não acertou. O lobisomem lutou com ele, a arma caiu no chão. A fera rasgou o braço do caçador, John apunhalou a fera nas costas.

Luma soltou-se, pegou a arma e atirou na fera.

O lobisomem saiu da casa e caiu do penhasco.

Eles não sabiam se a fera tinha morrido, mas sobreviver de uma altura como aquela não seria possível até mesmo para um lobisomem. John abraçou Luma em seguida eles voltaram para a cidade.

Ao amanhecer, a Polícia bateu na porta de Luma, estava investigando um acidente que aconteceu com o padre Anselmo:

— Quando você viu o padre pela última vez? — Perguntou o policial.

— Ontem à tarde — Respondeu Luma.

— Encontramos ele na cachoeira com uma bala de prata no peito — disse o policial.

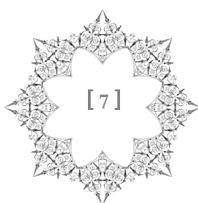
John olhou para Luma com cara de desconfiado.

— Ele está morto? — Perguntou Luma.

— Sim, mas o corpo sumiu do hospital, não sabemos o que passou! Se souber de algo nos informe por favor.

— Sim — disse Luma.

Luma ficou surpresa que o padre fosse o lobisomem, contudo acreditava que ele estava morto, mas para John essa história estava só começando.





APRESENTAMOS

O CONTO

O coveiro

Por Adriana Costa Reis

Adriana Costa Reis é Psicóloga, Psicanalista e Teóloga, com enorme gosto pela literatura. Autora de poemas e contos publicados em diversas antologias, ela também se dedica à organização de coletâneas, oferecendo oportunidades de publicação a novos escritores. Através desse trabalho, promove a literatura como uma valiosa forma de expressão artística e cultural, incentivando o surgimento de novas vozes no cenário literário.



Enquanto ela retirava as flores secas da lápide, o vento gélido parecia atravessar-lhe a alma. Era uma tarde cinzenta e o silêncio do cemitério parecia amplificado, interrompido apenas pelo ranger distante de um portão enferrujado.

A jovem ajeitava as flores novas no vaso, tentando afastar uma sensação incômoda de estar sendo observada, quando um velho senhor surgiu por entre as fileiras de túmulos. Ele vestia roupas simples, mas bem cuidadas, e segurava uma pá com as mãos calejadas.

— Você não vem muito aqui, não é? — Perguntou ele, com um tom que misturava curiosidade e serenidade.

Ela, pega de surpresa, hesitou antes de responder: — Sim, venho! Venho sempre trocar as flores — Disse. Mas sua voz saiu baixa, quase envergonhada, como se sua presença ali fosse algo a ser justificado.

O homem assentiu, como se conhecesse a verdade por trás de suas palavras, e continuou: — Eu estou sempre por aqui. Conheço cada canto deste lugar. Profissão herdada de meu pai. Já me acostumei tanto a este lugar que me recuso a deixá-lo.

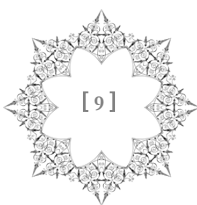
Ela, sem saber muito bem o que responder, murmurou: — Me parece solitário...

Ele ergueu o olhar, observando o horizonte dizendo: — Não seria tanto se as pessoas viessem com frequência trocar as flores.

Ela sentiu a garganta secar. Forçou um pigarro: — Hã, hã... — Ainda sem jeito, como se suas visitas ocasionais fossem um pecado que ele conseguia enxergar.

O velho sorriu, mas havia algo melancólico naquele gesto. Começou a se afastar, apoiando-se na pá como se fosse um cajado, e antes de ir embora, virou-se uma última vez: — Aproveito sempre essas oportunidades para trocar umas palavrinhas com as pessoas.

Ela tentou retribuir o sorriso, mas sentiu um frio na espinha quando ouviu alguém ao lado dizer: — ...Você soube? O coveiro morreu na noite passada...





APRESENTAMOS

O POEMA

Mansão das sombras

Por Aldo Mendes Filho

Formado em Ciências Sociais na UNESP e mestre em Educação pela UNICAMP, professor de filosofia e sociologia, além de ser apaixonado pela arte literária. Possui livro e artigos publicados na área educacional, bem como poemas, contos e crônicas em antologias e revistas de várias editoras. Nascido e residente na cidade de Campinas, Estado de São Paulo.

Threads/Instagram: @aldomendesfilho



A casa era grande e cabia mais que toda a família
O porão amadeirado, detalhes de uma dinastia
Pedro, ao chegar, queria brincar, correr, pular
Mal sabia a história da mansão que ia morar

Maggie, a mãe atenciosa, implicava com o marido
Vamos trocar os azulejos, colocar algo mais vivo
Alfredo, endividado, dizia para a mulher ao pé do ouvido
Mais à frente, meu amor, esta casa nos trarão dias festivos

A madeira rangia ao vento, em dias chuvosos ouviam-se lamentos
Lara, a irmã mais velha, tinha medo de ficar sozinha
Muitas vezes durante a tarde, se esvaía para a casa da vizinha
Mas tinha dias que cuidava do irmão e, para Lara, dias de sofrimentos

Alfredo chegou cansado e queria tranquilidade
Aumentou o volume da TV buscando esquecer o dia
Mas alguém esqueceu alguma coisa na eletricidade
Cheiro de queimado no porão, seu filho fez alguma porcária

Abriu a porta bravo, xingando o garoto de tudo que lembrava
Mas ficou atônito ao ver Pedro esquartejado, quase sem vida
Gritou "Maggie!", mas sua esposa também não retornava
Gritou tossindo por sua filha, que apavorada estava escondida

Ligou para padre Laio, chorando no porão de joelhos
O padre disse para que saísse, pois a casa estava condenada
Saindo do porão, defrontou sua filha Lara com os olhos vermelhos
Mostrou seu crucifixo prateado, a menina deu uma gargalhada

Laio entrou na casa derrubando a porta
Avistou Maggie e foi ver como estava

Um olho da esposa se abriu, estava quase morta
Pedi que salvasse sua família ou o que dela restava

O sacerdote estava horrorizado com o que tinha ocorrido
Lembrava filmes de terror com cenas de exorcismo
Em sua maleta, água benta e também o texto sagrado benzido
Seria a única chance de eliminar a casa do satanismo

Chegando no porão, encontrou Alfredo em delírio
Seu filho Pedro, esquartejado, olhou para o padre sorrindo
Disse: "Velho tolo! Aqui será seu martírio!"
Laio pegou água benta, jogou em Lara e também no menino

A escuridão se apossou de tudo
O breu e risos sarcásticos decoravam o ambiente
O jovem padre abriu sua bíblia e leu-a como forma de escudo
Os espíritos ficaram impacientes

Cada frase dita, um gemido e um grito
Padre Laio não desistia de livrar a família do castigo
Pedro já não se movia, Lara carregava o parasito
Laio começou a ler o Salmo 90, e o capiroto sentiu o fustigo

As palavras foram subtraindo o mal da garota
Laio já enxergava a possibilidade de vitória
Apesar do sucesso, a família mudou de rota
O casarão ficou fechado à espera de uma nova história





APRESENTAMOS

O POEMA

Visão do inferno e a divina molera

Por Cisterna de Luzes

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado(OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Perambulava na perdida rua deserta das perdidas perambulações.

A voz grave, rouquenha, por detrás chegada e escutada, taciturnas revelações
estremecedoras partejou:

Alas fétidas de mortes nauseabundas, perfiladas nos dois lados, observando o cortejo dos adeptos da missa negra, estáticas, pareciam singrar em movediça areia pérfida.

Eram os demoníacos: os perversos cintilantes do preto pretume,
no seu labor também eterno.

Ao homem não procuram para aí transbordarem. O homem para lá se lança por via e próprio impulso. Via própria, impulso próprio, desejado lançamento. Asco, nojo, não percebe, porque é lá que pensa ter a verdadeira tenência.

Os seus olhos são pretos. A boca, essa que fala, centopeias escabrosas pululam nas gengivas. Os enrustidos sons são aniquilamentos dantescos. Já o Alighieri foi levado para essa visita: os sangues escorridos pelas bordas das bocarras, pingam com vermelhos pingares e, ao caírem na lava, em vez de derreterem-se, concretiza-se em lâmina de cortante espadas flamejantes.

Odiosa e horripilante é a fealdade da perenidade, desconforme com a conformidade da bem amada moleira do Divino Cérebro, por onde, qual fraqueza na Fortaleza Sublime, é permitido, por Compaixão, ao criado criatura, adentrar.

Mas, como, se já de lá era? O cortejo que vos descrevi acima é o turvo e inescapável ardente lamaçal, morada definitiva, de quem pulou da Divina Moleira. Esta, a compaixão, em analogia com a vossa óssea concepção.





APRESENTAMOS

O CONTO

Um dia de policial

Por Flavio Joppert

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Guerra nas Estrelas

Zica, a faxineira da delegacia, uma bióloga que havia trabalhado na vida até conseguir aquele emprego, começou a contar a piada: a guerra nas estrelas começou há bilhões de anos atrás. Não é nada entre a guerra fria daquelas duas potências. Macacos de outra galáxia desenvolveram o projeto de bombardear a Terra com meteoros, destruir a Era dos Dinossauros, conseguiram acertar. Colonizaram o planeta. Muitos dos grandes répteis tiveram que ir para Órion. Agora que é planeta dos macacos, eles poluem as águas, contaminam os oceanos, e a atmosfera e causam o efeito estufa, ou seja: as conhecidas técnicas de combate com terra arrasada.

Entrevista com o Galeto

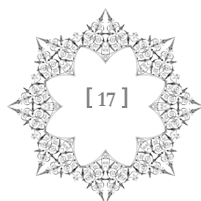
Juca, o carcereiro, vendo que o momento era de piada, chega para “Xanda” e a escrevã e pergunta: quer rir mais um pouco? Minha filha é fã da galinha pintadinha. Chegaram para o pinto e perguntaram, entrevistando, o que o senhor pensa sobre um petroleiro movido à energia nuclear? O pinto respondeu: “eu qué come carne de porco”, chorando...

Canela de Morto, Canela de Porco...

Zé, o detetive do dia, amigo de Zica, há muito tempo, começou a perguntar para ela: Zica, conhece alguma carne animal? É que estou com um problema, chegou uma notificação de que um certo paciente, fez exame de sangue e deu hormônio de canibal alto. Zica pensou, será que dessa vez eu deixo a vassoura e consigo uma vaga na polícia técnica? Ainda bem que o cara come mais que carne de vaca. Respondeu se for magia negra, vai na Mãe Peninha, ela te conta do feitiço com canela de morto. Eles vão no cemitério cortam as pernas do finado, está tudo dentro do caixão e ninguém vê. Cortam em pedaços e vendem no “Bar do Caxinguelê”. É canela de morto, mas fica igual a canela de porco. Quem come é zumbi, tem que ficar maluco...

Mas se o caso foi coisa de carne mesmo, (...) tem que saber se não estão caçando macaco, e fazendo uma peixada. Aqui nas matas tem muito macaco que dá par comer. Mas a caça é crime, e deixa maluco igual a carne de tamanduá no leite. Tem muito vírus da natureza, coisas como príons, que mesmo salsicha feita com um pouco de carne humana não passa, é pasteurizada, etc...

Só isso que você sabe; Sei mais, mas é coisa de psicóloga. Vê com elas, que quem é canibal dá logo na pinta. O miolo dá vaca louca.





APRESENTAMOS

O CONTO

O rastro do sangue

Por Guilherme Biondani Vicolle

Guilherme Biondani Vicolle nasceu e cresceu na caótica São Paulo, onde usava a literatura para fugir um pouco de toda a loucura da cidade. Atua há mais de 10 anos no Mercado Financeiro enquanto não consegue pagar as contas com a escrita. Apaixonado por cultura pop, cinema, livros e quadrinhos. Participou da antologia "Colônias Espaciais" da Editora Orlok, além de fazer parte de outras antologias por diversas editoras.



A estrada de terra parecia se alongar interminavelmente, serpenteando por entre colinas e desaparecendo na escuridão das matas densas. Luiz Barreto era repórter investigativo de um dos maiores jornais da capital. Ele conduzia seu carro com atenção, já cansado das quase quatro horas de viagem. O cheiro úmido da terra, misturado ao perfume discreto de plantas silvestres, invadia o veículo pela janela entreaberta, enquanto o som incessante das cigarras parecia preencher o silêncio da noite. Ele fora enviado ao interior de São Paulo para investigar uma série de mortes inexplicáveis de animais na cidadezinha de Borá. Os relatos que chegaram à redação falavam de corpos mutilados e marcas que não combinavam com as de predadores conhecidos. Para Luiz, o caso era uma oportunidade de ouro. Além de atender à crescente demanda por matérias misteriosas e sensacionalistas, poderia alavancar sua carreira com uma história envolta em mistério.

Borá é a menor cidade em população de São Paulo. Luiz foi recebido por um cenário de tranquilidade inquietante. A cidade possui apenas algumas dezenas de ruas, onde todos os novecentos habitantes se conhecem. O clima era de uma calma quase opressiva. Não havia semáforos, e a ausência de tráfego e movimento contribuía para a sensação de isolamento. Ele notou que, apesar da simplicidade, a vila mantinha uma forte ligação com suas raízes agrícolas e um senso de comunidade que parecia resistir ao tempo. Ao estacionar, olhares desconfiados atravessavam as janelas das casas modestas. Luiz se dirigiu à única pensão da cidade, administrada por Dona Marta, uma senhora de idade que o recebeu com uma hospitalidade cautelosa. Após oferecer-lhe um quarto modesto, ela o alertou com um tom grave:

— O senhor é corajoso ou tolo? Muitos tentaram desvendar os mistérios desta terra, mas nenhum ficou tempo o suficiente para descobrir.

Na manhã seguinte, Luiz iniciou suas investigações pelas ruas tranquilas da cidade. A praça principal, com bancos de madeira sob árvores antigas e a pequena igreja branca ao fundo, parecia um ponto estratégico para interagir com os moradores. Ele tentou puxar conversa, mas a maioria oferecia respostas evasivas ou desviava o olhar, como se o assunto fosse um tabu. Finalmente, um senhor idoso, sentado em um banco com as mãos firmemente apoiadas em sua bengala, aceitou falar. Seu rosto, marcado pelo tempo, parecia carregar o peso de memórias sombrias.

— Não é lenda — começou, com a voz rouca e firme. — A fera existe. Ela ronda os campos nas noites sem lua.

O velho parou por um momento, encarando o horizonte, como se revivesse o que estava prestes a contar.

— Já vi. Os olhos dela são vermelhos como brasas no escuro. E os sons que faz. — Ele tremeu levemente, abaixando o tom de voz. — Não são de nenhum bicho que você conheça. Parecem vindos de outro mundo.

Luiz tentou extrair mais detalhes, mas o homem repetia sempre a mesma história e os mesmos fatos. Luiz ainda conseguiu alguns outros relatos que despertaram sua curiosidade, mas ele manteve o ceticismo, acostumado a histórias sensacionalistas. Ainda assim, o padrão das mortes o incomodava. Na tentativa de entender melhor, visitou os locais onde os corpos dos animais foram encontrados. Entre os campos ao redor da vila, ouviu depoimentos que variavam entre medo e incredulidade.

— Minha criação nunca teve problema com ataques — disse um fazendeiro de meia-idade, gesticulando em direção ao curral vazio. — Até que numa noite, perdi três cabras. As encontrei no dia seguinte, com os corpos dilacerados e sangue espalhado por toda parte. Não foi onça, disso eu tenho certeza.

Outro relato veio de uma mulher que cuidava de galinhas em um sítio próximo.

— Foi como se algo entrasse no galinheiro e acabasse com tudo em minutos. Não ouvi gritos ou barulho de luta, só as encontrei mortas pela manhã, como se um furacão tivesse passado.

Na terceira noite, Luiz decidiu explorar sozinho a trilha que levava ao local do último ataque. Carregava uma câmera, uma lanterna e um gravador. O corpo do novilho ainda estava no local e a cena era brutal. Cortes profundos atravessavam o corpo do animal, e o sangue seco formava poças escuras na terra endurecida. Ao redor, marcas no solo sugeriam um ataque violento, mas nenhuma pista clara do que poderia ter feito aquilo. Ele fotografou cada detalhe, desde os cortes irregulares, a posição do corpo e até rastros que pareciam garras, mas eram grandes demais para pertencer a qualquer animal conhecido. O cheiro metálico de sangue invadiu suas narinas enquanto ele ajustava a lente da câmera. Luiz sabia que estava diante de algo incomum, talvez até perigoso.

O silêncio da noite foi abruptamente rompido. Primeiro, um estalo seco de galhos quebrando ao longe. Luiz parou, a respiração acelerada, e virou a lanterna em direção ao som, mas viu apenas sombras densas entre as árvores. Em seguida, veio um som baixo, profundo e gutural, um rosnado que parecia vibrar no próprio ar. Apontando a lanterna com mais firmeza, ele percebeu um brilho peculiar, olhos que refletiam a luz como faróis distantes, intermitentes e frios. O rosnado cresceu, transformando-se em um som ameaçador, como se algo massivo estivesse se aproximando. Os galhos agora quebravam com mais frequência, os ruídos acompanhados por uma respiração pesada e ritmada.

Luiz recuou instintivamente, mas tropeçou em uma raiz exposta, quase caindo. A câmera em seu pescoço balançava enquanto ele tentava manter o equilíbrio. Nervoso, apertou o botão disparador, e flashes erráticos cortaram a escuridão como raios. Por um instante, no clarão de uma das fotos, ele viu uma silhueta monstruosa: enorme, com contornos distorcidos e olhos que ardiam como brasa viva. O que quer que fosse, estava mais perto do que ele imaginava. De repente, a fera saltou. Era uma criatura grotesca, maior do que qualquer animal que Luiz já vira. Seus olhos queimavam como brasas, e sua pele parecia uma mistura de pelo e escamas. Garras afiadas reluziam sob a luz da lanterna caída.

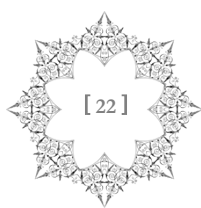
Antes que pudesse reagir, algo gigantesco o atingiu pelas costas com força devastadora, lançando-o ao chão como um boneco de pano. Ele gritou, mas foi interrompido por um rugido ensurdecedor que parecia ressoar nas entranhas da floresta. Deitado na terra úmida, Luiz tentou rastejar, mas as garras da criatura perfuraram seus ombros, arrancando um grito de dor que ecoou na noite. O peso sobre ele era esmagador, Seus ossos se partiram com um estalo horrendo. Sangue jorrou em pulsos quentes, empapando o solo em uma poça rubra e espessa. A câmera, caída a poucos metros, disparava flashes automáticos, capturando a cena em relances grotescos.

Com um movimento brutal, a criatura virou Luiz de frente, rasgando sua carne como papel. Ele tentou gritar novamente, mas a mandíbula desumana da fera se fechou sobre seu rosto. A última coisa que ele viu foi o brilho dos olhos da criatura, vermelhos como fogo, refletindo seu próprio terror.

Enquanto a fera despedaçava seu corpo, o som de ossos quebrando e carne sendo dilacerada dominava a escuridão. Os fragmentos que sobraram foram arrastados pela criatura para dentro da floresta, deixando atrás de si apenas uma trilha de sangue que

desaparecia nas sombras. Na manhã seguinte, os moradores seguiram um rastro de sangue até a clareira e encontraram o que restava de Luiz. Eram pedaços desfigurados de carne e ossos misturados com a lama, um aviso silencioso do que habitava aquelas terras. Um jovem curioso decidiu verificar as fotos. O que viu fez suas mãos tremerem.

A história de Luiz Barreto nunca foi publicada. A câmera e seu conteúdo desapareceram misteriosamente, mas os moradores sussurram até hoje sobre o destino do repórter. Dizem que, nas noites mais escuras, a fera ainda ronda, e quem ousa desafiá-la acaba como ele. Apenas mais um nome esquecido no rastro de sangue.





APRESENTAMOS

O CONTO

Mãe

Por Herbert Araujo

Herbert é paulistano, analista de sistemas e leitor. Estuda e escreve contos, e gostaria de se corresponder com outros escritores.

Instagram: @araweb10

Minha mãe morreu há quatro dias. Havia um mês que ela não se sentia bem e estava sofrendo. Acho que foi melhor assim. Agora ela vai poder descansar em paz.

Eu acompanhei de perto o seu desgosto durante os últimos trinta dias, com um pouco de culpa, confesso. Mas garanto que fiz o que pude, para amenizar minha falta. Sempre que podia, eu atendia os seus pedidos. Ainda que à minha maneira, eu os atendia.

Ela me ensinou a ser como eu sou hoje. Seus ensinamentos foram intensificados desde que meu pai nos deixou abruptamente, quando eu tinha apenas sete anos de idade. Desde então, ela me mostrou como superar os percalços da vida. Foi o primeiro grande impacto da minha vida, o abandono do meu pai.

Agora ela está morta, e eu estou sozinho, reflexivo, sentado nesta cadeira velha da cozinha. Neste momento, o barulho que a chuva faz quando bate nas telhas, me traz melancolia. Seria saudades? Não sei.

Um dia, briguei na escola. Quando cheguei em casa com a camiseta rasgada, apanhei. Minha mãe não me deu nem tempo para explicar o que aconteceu. Apenas apanhei. Cada golpe de cinto que recebi, era uma nova mancha na minha memória. Eu cresci ouvindo a célebre frase: “se fizer isso, você vai apanhar”. Me acostumei, mas nunca aceitei. A cada surra, minha indignação e ódio aumentavam, e minha indiferença ficava cada vez mais clara para mim mesmo.

Quando eu completei 10 anos de idade, eu tive a audácia de pedir uma festa de aniversário para a minha mãe. A resposta que recebi foi que se eu ganhasse uma festa, morreria de fome, pois não haveria mais dinheiro para comprar comida.

Com 12 anos, o ódio que fazia parte de mim, me consumiu de tal maneira que eu não era mais capaz de sentir qualquer outro tipo de sentimento. Eu não sabia o que era empatia, compreensão, tolerância, amor, e nenhum outro sentimento que pudesse me fazer ter compaixão por quem quer que seja.

Hoje eu tenho 13 anos, e tenho muita história para contar. A última delas foi o dia que eu dei uma lição no Alemão, um valentão da rua de cima, mais alto, mais forte e mais velho que todos os demais garotos do bairro, inclusive eu. O que ele falava, era lei, e ninguém ousava se opor. Ele roubava as bolinhas de gude de todo mundo. Lembro-me do dia em que ele tomou minha única bolinha de leite. As bolinhas de leite eram mais bonitas, mais raras e conseqüentemente mais caras e mais difíceis de conseguir. Era a única que eu tinha, ele tomou e eu não pude fazer nada.

Um dia, na saída da escola, caminhei sentido aquela longa rua, caminho comum que nos levava ao nosso bairro. Na primeira esquina, depois da banca de jornal, mais à frente, avistei o Alemão com mais dois capangas. Apesar da simples presença do Alemão já causar medo em qualquer outro garoto do bairro, aparentemente, não havia nenhum motivo para eu temer coisa alguma. Continuei caminhando com minha mochila quadrada nas costas.

Enquanto eu fazia um percurso retilíneo, o Alemão e seus capangas andavam em ziguezague, ora pela calçada, ora pelo meio da rua. Observavam os transeuntes, as casas à beira da rua, provocavam os cachorros através dos portões de grade e maquinavam todo tipo de possíveis peraltices que pudessem ser executadas com o intuito de satisfazer toda a sua vontade tirana.

Pensei, obviamente, que em algum momento, eu os alcançaria, ainda naquela rua longa, antes da bifurcação, onde eu poderia escolher o caminho oposto ao escolhido por eles.

Dito e feito. Quando isso aconteceu, estava eu, lado a lado com o Alemão e sua corja. Não tardou para que ele, com toda a sua prepotência e arrogância, interrompesse minha passagem. No início, a conversa foi amena, mas não tardou para que ele começasse a querer tirar algum tipo de vantagem daquele encontro. Ele queria o objeto de desejo que todos buscavam naquele momento, figurinhas do álbum da Copa do Mundo.

Eu não tinha nada a oferecer, muito menos as figurinhas, e ele logo percebeu isso. Fazendo parecer uma grande brincadeira, ele apoiou sua mão esquerda nas minhas costas, segurou meu pulso direito e torceu meu braço para trás, me imobilizando e me fazendo sentir uma dor insuportável.

Eu chorei, implorei para ele me soltar, mas ele não soltou. Eu andei todo o restante do caminho, com o braço torcido, aguentando toda a força que ele colocava para evitar que eu me soltasse. O caminho não era tão curto, e eu fiquei um bom tempo suportando aquela dor terrível. A consequência foi meu braço direito deslocado e alguns dias sentindo muita dor.

Aquele acontecimento me mudou definitivamente. Todo o ódio que eu já sentia da vida, tomou conta de toda a minha existência. Eu não sabia como, mas eu prometi para mim mesmo que eu iria me vingar.

No final daquele mesmo ano, na época de Natal, no dia 24, quando todos os moleques do bairro estavam eufóricos pelas ruas, com suas roupas novas, aguardando a

meia noite para soltar suas bombinhas, eu avistei o Alemão. Eu não tinha um plano bem definido, mas a vontade dentro de mim dizia que eu deveria atraí-lo para um lugar onde pudéssemos ficar sozinhos. Então eu poderia ter alguma chance em um momento de distração dele.

Alemão era forte, mas não era muito inteligente. Menosprezando todos aqueles que sofriam em suas mãos, ele esquecia facilmente de suas maldades e em nenhum momento passava por sua cabeça, algum tipo de vingança por parte do oprimido. Ele ignorava completamente qualquer sentimento que suas vítimas pudessem ter contra ele.

Me aproximei e disse que eu tinha conseguido algumas figurinhas, e que se ele quisesse, eu poderia lhe mostrar, desde que fossemos até minha casa buscá-las. Ele concordou imediatamente.

Chegando em casa, ele se sentou em uma cadeira velha, logo na entrada da cozinha mal iluminada. Pedi para que esperasse e fui até o quarto. Meu coração palpitava acelerado. Eu sentia uma mistura de medo, ansiedade e prazer, que eu não conseguia entender bem o que era. Não tinha ninguém em casa, e eu sabia que minha mãe não voltaria naquela noite. Olhei para os lados apressadamente, procurando por algo que pudesse me ajudar a tomar a próxima decisão. Lembrei que minha mãe guardava um monte de catrevagens embaixo da cama. Levantei rapidamente o lençol que cobria o colchão e abaixei. A primeira coisa que vi foi uma caixa de ferramentas, enferrujada, muito provavelmente, legado do meu pai ausente. Puxei, abri e peguei um martelo. Levantei, cobri o martelo com a camiseta, peguei o meu estojo de lápis que estava em cima de uma mesa de canto, e voltei para a cozinha.

Entreguei meu estojo para o Alemão, que me olhou sem entender muito bem o que eu estava fazendo. Eu disse: “o que você quer está aí dentro, pode pegar”. Quando ele abaixou a cabeça, procurando o zíper do estojo para abri-lo, eu dei a volta na cadeira, segurei o cabo do martelo com as duas mãos, ergui os dois braços o máximo que pude, e com toda a força que eu consegui colocar, bati com o martelo na parte posterior da sua cabeça. Eu estava tão apavorado que não percebi que eu tinha batido com a parte de trás do martelo. Aqueles dois ganchos, que servem para retirar pregos, perfuraram a cabeça do Alemão, e ficaram presos no buraco que se abriu. Um breve esguicho de sangue atingiu minha camiseta nova do Natal, antes que o corpo tombasse para o lado, e caísse ao pé da mesa. A cozinha, agora era o palco da minha obra. Eu nunca tinha sentido tanto prazer, e

não sabia que a vingança poderia ser tão satisfatória. Por alguns minutos eu deslumbrei o corpo caído no chão, envolto em uma poça de sangue, imóvel.

Um tempo depois, eu percebi o que tinha feito, e entendi que para concluir com sucesso, eu precisava dar um sumiço naquele desgraçado. Não seria possível carregar o corpo pela rua, então eu comecei a arrastá-lo para o quintal que tinha nos fundos da minha casa. Lá havia um pequeno jardim, onde minha mãe costumava colocar todo tipo de plantas que ela encontrava pelas ruas. Fui até a cozinha e peguei a pá de lixo. Voltei para o jardim e comecei a cavar. O trabalho foi difícil, mas eu sentia tanta satisfação, que mal vi as horas se passarem. Os fogos da meia noite já tinham se passado há muito tempo. Foi a minha melhor noite de Natal até então.

No dia seguinte, no final da tarde, quando minha mãe chegou e foi até o quintal, ela percebeu suas plantas reviradas, e estranhou. Ela estava muito cansada para iniciar uma investigação naquele momento, foi dormir e acabou esquecendo.

Dias depois, quando se lembrou daquele fato estranho, foi olhar mais de perto e descobriu o corpo que eu tinha enterrado, ou pelo menos achava que estava devidamente enterrado, e longe de qualquer suspeita.

O susto que ela tomou foi tão grande que a deixou em estado de choque, completamente paralisada, sem reação, balbuciando palavras, sem conseguir formar uma frase coerente. Eu intervi e disse que estava tudo bem, e que ela podia confiar em mim que eu iria resolver tudo. Peguei alguns comprimidos que estavam no armário e dei para ela tomar. Eu não fazia ideia para o que servia aqueles remédios. Ela adormeceu e dormiu até o outro dia.

Quando minha mãe abriu os olhos e recobrou sua consciência, eu estava sentado na sua frente, na mesma cadeira velha lá da cozinha, com o martelo na mão. Ela entendeu o que tinha acontecido e estremeceu. Eu lhe pedi perdão, mas agora sem sentir aquele medo que eu sempre senti, e que sempre me dominou. Aquele medo não existia mais.

Um mês havia se passado. Minha mãe nunca mais voltou ao normal. Desde então ela não olha mais diretamente para o meu rosto, e fala somente o necessário. A porta da cozinha, que dá acesso ao quintal dos fundos, fica constantemente fechada. Ela come pouco, raramente sai de casa e permanece a maior parte do tempo deitada na sua cama.

Quatro dias atrás, ela acordou com um semblante melhor, porém ainda com uma aparência bastante debilitada. Me chamou para conversar, e calmamente me disse que não suportava mais aquela situação, e que iria me denunciar. Ela não conseguia mais

manter aquele acontecimento em segredo e estava disposta a contar tudo para a polícia. Eu percebi sua determinação de seguir em frente, e que nada que eu fizesse iria lhe fazer mudar de ideia.

Anoiteceu. Sua última promessa era de que no outro dia, logo pela manhã, iria tomar a decisão que interromperia de vez a minha vida medíocre.

Eu permaneci sentado, e entrei pela madrugada, imóvel, reflexivo, naquela mesma cadeira velha da cozinha, com o martelo na mão. Não dormi, e minha mãe não acordou no dia seguinte para cumprir com a sua promessa. Hoje faz quatro dias que minha mãe morreu e está enterrada no jardim do nosso quintal.





APRESENTAMOS

O CONTO

Capacete

Por Luiz Otávio D. Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex remador, contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.



Aquele recado do correio me deixou intrigado. Quem teria enviado uma encomenda para mim? Como eu não deveria pagar nada para retirá-la, fui até lá. Era uma embalagem bem feita, enviada por uma certa... Blendy? Não, eu não conhecia nenhuma Blendy, mas estava acompanhada de uma carta assinada por... Blendy, sem dúvida. Ao abrir o pacote me deparei com um belo rádio-capacete com duas anteninhas, que segundo ela, faria com que eu ouvisse comentários que fizessem a meu respeito, se devidamente programado. Tudo era muito fantástico, inclusive, ou melhor, principalmente, a procedência: planeta Trevy - Blendy dizia ser uma trevyniana.

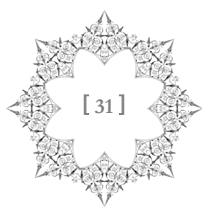
Pelo sim, pelo não, estudei detalhadamente o manual e não é que funcionou! Consegui sintonizar minha faxineira comentando com uma amiga que eu tinha aumentado seu salário. Pouco depois, um vizinho fez um comentário rápido sobre minha pasta nova - e eu nem sabia que ele sabia que eu estava com uma pasta nova... Mas eu queria saber era o que as mulheres comentavam sobre mim. Voltei ao manual e procurei algum capítulo sobre "pesquisa programada" e acabei encontrando. Coloquei na programação do capacete os nomes: Baby, Carminha, Andréia, Juju e, em especial, Suzi. Estava muito interessado em saber o que a Suzi falava a meu respeito e principalmente se ela estava a fim de passar uma noite comigo. Mas nada aconteceu por uma semana, o que significou que nenhuma delas neste período falou nada sobre mim, sequer um comentário ou um resmungo mesmo a sós. O capacete ficou ligado direto este tempo todo e nada. A luz vermelha que deveria indicar que havia mensagem no ar nem piscava. Até que consegui captar a Andréia em uma conversa sem importância se referindo a mim de passagem e a Juju também num comentário ligeiro. A Suzi porém... nada. Após uns vinte dias, ao ver a luz ligada, coloquei rapidamente o capacete na cabeça e consegui. Finalmente captei a irmã da Suzi perguntando a ela o que ela sentia por mim e ouvi como resposta:

- Bem, eu acho ele um cara slivs... gruenpt.... até que eu mnmum.... mas só se... hãem... mnt... pliuft... plâan... booim...

Aflito, sem conseguir decifrar o espírito da resposta, tirei o capacete e verifiquei que as baterias estavam no final e que no manual estava escrito que o equipamento só funcionava com baterias especiais, ainda não fabricadas aqui na Terra, nem no Japão.

Atualmente aguardo contato da tal Blendy para ver se consigo que ela me envie baterias extras e estou fazendo mil planos para quando voltar a usá-lo. Enquanto ela não

dá sinal de vida, tenho utilizado a engenhoca para fins muito pouco nobres, tais como peso para papéis e como complemento de fantasia. Por sinal a Suzi falou que eu estava uma gracinha fantasiado de extraterrestre. Nesta noite acabamos dormindo juntos... pelo menos para isto o capacete serviu.






APRESENTAMOS

O CONTO

Da série histórias de realismo fantástico numa hora dessas

Por Luiz Otávio D. Pinheiro

Carioca nascido e criado em Ipanema, engenheiro metalurgista com especialização em Business e em Rh, faixa preta de judô e ex remador, contrabaixista, tecladista e compositor com curso de harmonia e composição, fez curso de detetive particular por correspondência e de salva-vidas e foi aprovado em ambos. É pesquisador, professor e palestrante sobre The Beatles.



Conheci Glícea numa festa. Foi uma noite fantástica. Ela era uma moça jovial, deslumbrante. Se dizia ser uma kerapiana e, com um sotaque estranho, falava sobre coisas que eu não entendia, com um sorriso especial. Seu perfume era fantástico e seu beijo tinha um leve sabor de espaço sideral. Ao nos despedirmos, registrei seu telefone celular e suas últimas palavras foram: o universo não é tudo, pense nisso.

Nunca mais soube dela. Seu número sumiu do meu celular e ninguém que estava na festa conhecia ela. Até hoje na hora de dormir penso nela... o universo não é tudo... quem sabe um dia ela volte à terra para me ver?

Desde aquela noite, minha rotina nunca mais foi a mesma. A frase "o universo não é tudo" ecoava em minha mente como um enigma. Os dias seguiam sem alteração alguma, mas as noites... as noites eram diferentes. Ao deitar, sentia um perfume quase imperceptível, algo entre jasmim e poeira estelar, que me remetia imediatamente a Glícea.

Uma vez, tentei buscar informações sobre "kerapianos". Nada surgiu nos registros oficiais nem consultando insistentemente a inteligência artificail, mas em fóruns obscuros da internet encontrei relatos vagos sobre um povo que vivia entre dimensões. Um texto antigo mencionava seres que aparecem esporadicamente em festas e eventos, onde selecionam "observadores" — pessoas escolhidas para desvendar algo além da compreensão humana.

Foi então que comecei a notar mudanças ao meu redor. Pequenas luzes brilhavam na periferia da visão, desaparecendo assim que eu tentava focar nelas. Meu celular, ao invés de tocar, emitia um som peculiar, como uma melodia intergaláctica de quem queria fazer contato. Uma noite, as luzes se intensificaram e, ao olhar para o espelho, vi uma sombra atrás de mim. Não era uma pessoa, mas uma silhueta translúcida, quase líquida, que me observava com paciência infinita.

Em um impulso, sussurrei:

— Glícea?

A figura desapareceu, mas antes de sumir, ouvi um sussurro distante:

— O universo não é tudo...

O tempo passou e os acontecimentos ficaram mais intensos. Certos objetos da minha casa começaram a se mover, outros a desaparecer. O relógio do corredor marcava horas inexistentes, e as estrelas pareciam piscar num padrão específico quando eu olhava pela janela. Era como se o próprio cosmos estivesse tentando se comunicar.

Até que, numa madrugada em que a insônia me dominava, ouvi o som de uma campainha — não a da porta de entrada, mas algo mais profundo, ressoando dentro da minha mente. Levantei-me, quase como um sonâmbulo, e fui até a sala. Ali, sobre a mesa, estava um pequeno objeto que eu nunca havia visto antes: uma esfera reluzente, do tamanho de uma maçã, que emitia uma luz azulada. Ao tocá-la, a esfera se abriu como uma flor, revelando uma pequena mensagem holográfica:

"Você está pronto? Venha, se tiver coragem."

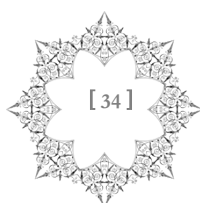
Logo abaixo, um símbolo que eu só poderia descrever como um mapa tridimensional das estrelas. Ao mesmo tempo, o perfume de Glícea tomou conta do ambiente, e meu coração disparou.

Sem hesitar, segurei a esfera com força, e uma sensação vertiginosa me invadiu. O chão desapareceu sob meus pés, e fui arremessado para o desconhecido, entre cores, luzes e sons que nenhuma língua humana poderia descrever.

Quando acordei, estava numa planície de areia prateada. O céu era um caos harmonioso de luzes em movimento, e, ao longe, lá estava ela. Glícea, tão radiante quanto na primeira vez que a vi. Com um sorriso sereno, ela estendeu a mão.

— Bem-vindo ao outro lado. Agora você vai entender.

Ali, sob aquele céu impossível, percebi que ela tinha razão. O universo não era tudo. E eu estava prestes a descobrir o que mais existia.





APRESENTAMOS

O CONTO

Barbazul da vila

Por Maria Cristina Bessa Lima

Professora aposentada de Literaturas de Língua Portuguesa e Inglesa, traduz e publica Contos de Fadas e de Mitologia pouco conhecidos de diferentes países. Imaginando que essas histórias poderiam se repetir em diferentes épocas e lugares, trouxe para nossos dias um Barba Azul totalmente paulistano, mas não menos ameaçador que o original.



Ninguém sabe como a informação vazou, mas as imprensas falada, escrita e televisada divulgaram que o ganhador da Mega Sena acumulada era — surpreendentemente! — não de Goiás, Mato Grosso ou Minas, como costuma ser — mas de São Paulo, capital. A mocinha da casa lotérica se lembrava bem dele e dos números; o cavalheiro chamava atenção, não pela personalidade marcante, mas por uma característica singular: sua barba, longa até o peito, era de um azul profundo, celestial.

Repórteres percorreram a zona oeste à procura do novo milionário; foram encontrá-lo na Vila Madalena, único lugar onde o portador de tão estranha aparência poderia morar sem chamar a atenção dos vizinhos. O homem vivia num prediozinho de dois andares; seu quarto-e-sala ficava bem em cima de uma padaria.

A princípio, recusou-se a falar com o pessoal dos noticiários, mas logo foi obrigado, pela pressão popular, a aparecer — ao vivo e em cores — perante o Brasil inteiro.

Antes mesmo de o estranho personagem abrir a boca, sua barba tão azulzinha atraiu os olhos do mundo e levantou a audiência dos principais telejornais. Parecia até que o motivo da entrevista era a barba de extravagante cor, e não a dinheirama que entraria na conta do cidadão em poucos dias.

Nos longínquos rincões brasileiros, a imagem do sortudo ganhador invadiu os lares de seis famílias. Vendo o novo milionário, todos se lembraram de uma prima — distante ou demasiadamente próxima — que, em tempos idos, se unira a um homem exatamente como aquele. Reconhecendo o parente esquecido, neles afluíu uma saudade imensa da afortunada familiar que convivia com tão interessante espécime humano. Imediatamente, representantes das seis famílias se deslocaram até São Paulo, de ônibus, de carro e um de avião, para reencontrar aquele ente querido.

Que decepção a dessa tão bem-intencionada turma: o homem afirmou, em cadeia nacional, ser viúvo e viver sozinho! Se era verdade, o que aconteceu com as mulheres que cruzaram o seu caminho?

Ao se encontrarem na porta do prédio, onde uma multidão se espremia na esperança de ver o milionário, a cor de sua barba ou de seu dinheiro, os familiares das seis mulheres se irmanaram na dor — e desapontamento — pela ausência dos seus entes amados. Resolveram cobrar das autoridades policiais e judiciárias uma solução para tão intrigante história. Enquanto tomavam um café com pão na chapa na padaria, decidiram contratar um advogado e levar o caso à Justiça.

Assim pensaram, e assim fizeram. Ali mesmo, na porta da padaria, encontraram um advogado para defendê-los; o homem, farejando uma boa causa, aproveitou a presença dos repórteres para lançar a semente da suspeita: onde estariam as seis esposas do homem da barba azul?

Pressionada pela opinião popular e pelas famílias, a polícia prendeu o homem da barba azul para averiguações. No interrogatório, o homem negou qualquer relação com o sumiço das seis mulheres — mas não negou ter sido casado com cada uma delas, em diferentes momentos de sua vida. A história que contou ao delegado surpreendeu até ao escrivão e aos policiais, apesar serem homens experientes e conhecedores do lado escuro e obscuro da vida de investigados, criminosos e detentos em geral.

- Meu nome é Fulano de Tal (nome fictício, para preservar a identidade do novo milionário). Por cultivar desde jovem esta barba, da qual me orgulho, e que tem por natureza esta cor tão original, me chamam Barba Azul. Assim, adotei legalmente o apelido como nome do meio, e me chamo Fulano Barbazul (assim mesmo, tudo junto) de Tal. Esta é a minha história: bem jovem, me casei com uma linda moça, recém-chegada a São Paulo. Nosso casamento foi feliz só no começo, pois ela tinha um comportamento estranho, meio suspeito; era o período da repressão, e algumas vezes cheguei a pensar que ela estava envolvida em algo que não devia. Um dia, foi encontrada num terreno baldio, com sete facadas no peito. Como disseram que foi suicídio, nem questionei. Era muito destemida, e achei que, por rebeldia, havia se atirado sobre a faca sete vezes, furando duas vezes o fígado, uma o baço, duas o pulmão, uma o coração e mais outra, que passou a milímetros do estômago.

Profundamente entristecido, demorei para me recuperar. Após alguns meses, encontrei outra garota, que me virou a cabeça completamente. Uma morena de seios fartos e um sorriso lindo. Ficamos juntos por algum tempo, mas sempre achei que era muita areia para meu caminhãozinho. Ela me deixou ao receber um convite para trabalhar como garçoneiro na Espanha. Cheguei a receber uma foto dela numa lancha, feliz, sentada entre quatro homens, os fartos seios quase desnudos.

- Onde está a foto? perguntou o delegado.

- Minha terceira mulher rasgou, numa crise de ciúme. Sabe, doutor, me casei de novo. Essa era uma louca, me ameaçava, fazia escândalos, tinha um ciúme brutal, mulher nenhuma podia olhar para mim; eu chamava atenção naquela época, e ainda chamo. Um

dia, não consegui mais me controlar e ameacei lhe dar uma surra de arrancar o couro; aí, ela foi embora, resolvida a salvar as peles.

O plural surpreendeu o delegado: - Peles? Que peles?

- Ela aderiu a uma ONG que quer salvar as peles de sei lá que animais em extinção. Vive na Europa, e a última vez que soube dela tinha sido presa por jogar spray colorido no casaco duma madame francesa.

- E você, se casou de novo?

- Casei, doutor, casei. Quando minha quarta mulher apareceu, pirei. Era dançarina, tinha um corpo alucinante e olhos de derreter pedra. Fomos felizes por dois meses e três dias, quando soube que me traía com qualquer pessoa que cruzasse seu caminho. Abri o jogo, e em vez de me pedir perdão — e olha que eu teria perdoado, tão louco era por ela — simplesmente pegou suas coisas e disse que ia voltar para a adorada vida boêmia; ia trocar de nome e, se lhe desse na telha, trocar de sexo também. Não sei o que ela fez, mas nessa época surgiu uma nova cantora e dançarina de tango, de aparência andrógina, que andou arrasando nos cabarés argentinos. Pode ser que seja ela.

— E depois?

— Doutor, minha quinta esposa foi um problemão. Moça simples, meio tola e insegura, trabalhava no centro da cidade, ali perto do Glicério. De repente, começou a se comportar de jeito estranho; às vezes ficava apática, meio sonolenta, falando bobagem, e depois comia feito uma louca; outras vezes, vinha alegriinha, olhos brilhantes, agitadíssima. Custou para eu perceber o que havia de errado; suspeitava, mas não queria acreditar que era nisso que ela gastava o dinheiro dela e o meu. Até o dia em que li no jornal que encontraram embaixo de um viaduto uma mulher não-identificada, morta por overdose. Fui até o IML; era ela mesma, doutor. Ia ser enterrada como indigente. Nessa hora de amargura, lembrei que a gente vem do pó. Como ela veio do pó, viveu pelo pó e morreu pelo pó, nada mais justo que ao pó retornasse. Foi o que aconteceu, após rápida cerimônia no crematório da Vila Alpina.

— E o que você fez com as cinzas dela? inquiriu o delegado.

— Joguei no mar, numa noite de lua cheia.

(Parece que esta foi a única inverdade no depoimento de Barbazul. Um casal testemunhou ter visto um homem, cuja descrição batia com a dele, na ponte do Limão, jogando algo no Rio Tietê. Mas como pensaram que era lixo, eles apenas olharam feio e seguiram seu caminho. Muitos disseram, na época, que o testemunho não invalidava a

tese de que as cinzas seguiram o destino correto, já que todos os rios correm para o mar. Mas o Tietê é um rio que corre para o interior. Barbazul era fraco em geografia. De qualquer forma, não faria nenhuma diferença para a morta).

O suspeito continuou: — Na verdade, depois dessa trágica experiência, jurei não arranjar outra mulher, mas o doutor sabe como são essas coisas. Minha sexta esposa apareceu, e era diferente de todas as outras; muito casta e religiosa, achei que desta vez ia dar certo. No começo, tudo estava bem. Depois, ela veio com umas ideias esquisitas, que um homem precisa de mais de uma mulher para a família ficar completa, etc. Achei aquilo muito estranho, pois apesar de já ter tido outras cinco esposas antes, sempre foi uma de cada vez, e essa ideia de ter mais de uma me deixou meio cabreiro. Afirmei que, sob nenhuma hipótese, admitiria me dividir com outras mulheres, e ela me abandonou. Mora agora num rancho no Texas, numa espécie de família poligâmica. Acho que é mais ou menos comum lá; mas aqui, nem pensar. Uma mulher já dá dor de cabeça o suficiente, imagine um monte delas dentro de casa!

Delegado, escrivão e guardas concordaram silenciosamente, pensando em suas próprias dores de cabeça ou nas de seus conhecidos.

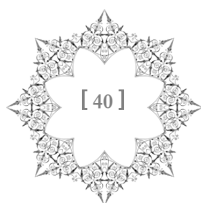
Nesse momento, o advogado do investigado levantou-se e tomou a palavra, dizendo:

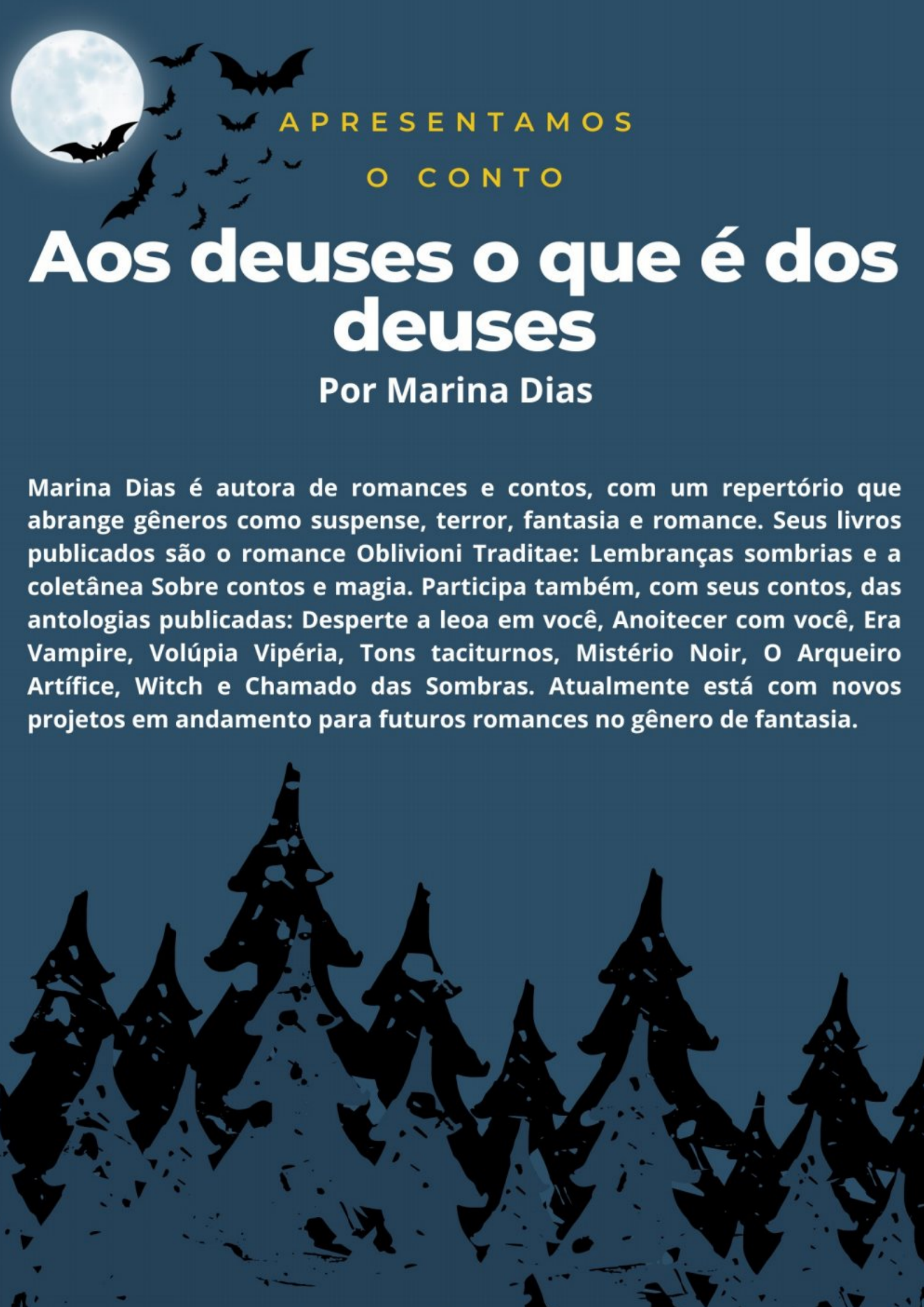
— Não há evidência de ações criminosas por parte de meu cliente; ouvimos apenas calúnias, levantadas por gente desonesta, interessada no dinheiro que meu cliente vai receber. Portanto, peço que ele seja liberado, para que volte ao seu lar como cidadão ilibado e homem honrado. A única coisa relevante sobre a sua pessoa é essa notável barba azul, mas ter uma barba tão exótica não constitui crime.

Barbazul foi liberado e pôde, finalmente, tomar posse do prêmio da loteria. De acordo com a coluna social de conhecida revista de fofocas, ele comprou um apartamento de cobertura numa cidade da Grande São Paulo, para onde se mudou um mês após o interrogatório. Adquiriu um computador e um celular de última geração para se comunicar com as centenas de mulheres que mandaram e-mails se oferecendo para consolá-lo. Na nova moradia, por enquanto, vive em reclusão, tendo como única companhia um poodle branco. Mas começa a pensar que, talvez, seja a hora de encontrar uma nova companheira. Sete, afinal, é um número de sorte, cabalístico.

Ao preparar sua mudança, Barbazul percebeu que não conservara nenhuma lembrança física de suas esposas. Não havia nada delas para levar para a nova casa.

Intimamente relacionada aos amores passados, a única coisa que guardou, com extremo cuidado, foi uma grande faca Ginsu. Ele alisou com muito carinho as seis marcas no cabo, antes de colocá-la entre suas meias.





APRESENTAMOS

O CONTO

Aos deuses o que é dos deuses

Por Marina Dias

Marina Dias é autora de romances e contos, com um repertório que abrange gêneros como suspense, terror, fantasia e romance. Seus livros publicados são o romance *Oblivioni Traditae: Lembranças sombrias* e a coletânea *Sobre contos e magia*. Participa também, com seus contos, das antologias publicadas: *Desperte a leoa em você*, *Anoitecer com você*, *Era Vampire*, *Volúpia Vipéria*, *Tons taciturnos*, *Mistério Noir*, *O Arqueiro Artífice*, *Witch* e *Chamado das Sombras*. Atualmente está com novos projetos em andamento para futuros romances no gênero de fantasia.

Era uma noite de lua cheia. Mesmo na escuridão fria do deserto era possível ver criaturas se esgueirando pela paisagem, sombras que se moviam velozes, como se mostrassem que aquele era realmente seu habitat natural.

As casas, feitas de barro e pedras, quase pareciam refletir a luz da lua. Para quem estivesse perto da margem rio, o cenário poderia facilmente se confundir com o céu estrelado. Apesar da aparente calma da cidade, em muros mais afastados um homem se movia na surdina, como os animais do deserto.

Ele era silencioso, mas nem mesmo a menor das criaturas era isenta de som: para esconder esse fato, se movia de forma a soar como se fosse parte da vida natural daquele lugar. E assim, era quase como se fosse invisível a olhos humanos. Mas na escuridão, havia aqueles que, com olhos brilhantes, seguiam cada um de seus movimentos.

— Yunet, estamos prontos.

A gata cinza se virou para a voz conhecida. Um gato sem pelos, com a pele rosada que o fazia parecer uma múmia, a encarava com os olhos azuis cristalinos. Ela olhou novamente para onde o homem havia acabado de passar, prestes a entrar no seu território.

— Estão posicionados onde indiquei? — perguntou, com um leve tremor nos bigodes finos.

— Sim. Estamos aguardando suas ordens para atacar.

Pensou por mais um tempo e balançou a cabeça.

— Ainda é muito cedo. Precisamos pegar ele no momento certo — ela olhou para o rio, que parecia tão distante de onde estavam. — Fale com Mênfis e diga para ele abrir a câmara. Enquanto aos outros, diga a eles que iremos guiar nosso convidado até as catacumbas.

Ela viu o outro gato espichar o rabo de arrepio, mas se manteve na mesma pose de sempre, sem ser afetada. O outro apenas abaixou a cabeça e saiu correndo para cumprir as ordens que recebeu. Enquanto olhava para onde o assassino enviado para matar seu senhor andava, era possível ver um tom de divertimento nos olhos verdes de Yunet. Esse não era o primeiro, e possivelmente não seria o último a cometer esse mesmo ato de idiotice. Ela se virou e correu na direção da entrada da mansão para receptionar seu novo convidado.

A casa era grande e ela sabia que precisava correr para chegar a tempo. Com o canto dos olhos, ela podia ver que seus guardas estavam exatamente onde havia indicado a Osíris, o gato sem pelos que era seu intermediário. Ela correu mais rápido, pensando que era hora do seu senhor contratar homens que realmente protegessem seu território de forma adequada.

Nas últimas luas, já havia perdido a conta de quantos desses assassinos ela teve que interceptar em prol da vida do Sumo Sacerdote do Templo de Hórus. Era um homem muito sábio, mas ao mesmo tempo muito tolo: foi sussurrado por algum de seus discípulos de que guardava um segredo terrível do Faraó Aquenáton, algo que envolvia sua consorte de forma escandalosa. Obviamente, Yunet sabia qual era esse segredo, já que ela mesma estava presente quando seu senhor ficou sabendo da informação. Mas ainda assim, achava que não era um segredo que valia a pena morrer, e apesar de gostar do tratamento que recebia naquele lugar, estava começando a ficar cansada dessas invasões.

Um miado a avisou de que o assassino se aproximava e ela calmamente deu um pulo do segundo andar para o primeiro, aterrissando delicadamente ao lado da porta. Recuperando seu fôlego, ela se manteve em posição até que ele aparecesse.

Antes que pudesse colocar um pé sequer dentro da sua propriedade, Yunet miou de forma suave e casual: um aviso para todos os outros. Ela encarou o homem, que se vestia como um dos andantes do deserto. Suas vestes o cobriam inteiramente, deixando apenas os olhos agora arregalados de fora. Ela via o espanto deles e quase sorriu.

Miou para ele, convidativa, como uma boa anfitriã. Ele ficou parado olhando para as sombras, esperando para ver se alguém havia sido alertado pelo barulho. Olhou para baixo e fez uma leve reverência a Yunet.

— Oh, quem diria? — disse ela com um sorriso felino. Ela olhou o pescoço do homem, onde um colar estava pendurado. Era impossível não reconhecer o símbolo da sua deusa, Bastet. Apertando os olhos, ela pensou na melhor forma de contornar a situação, afinal era um devoto Dela. No fim, acabou mantendo o plano original. - É uma pena, mas ainda somos criaturas Dela, e ela nos sustenta e perdoa nossas atitudes. Tudo pela paz.

O devoto apenas a encarou de volta, tentando entender o porquê aquele gato estava parecendo falar com ele. Ficou ainda mais nervoso por conta de suas crenças: sabia que tinha uma missão, mas também sabia que devia ter a permissão do gato para entrar na mansão, ou poderia sentir a ira de Bastet.

A gata cinza deu um outro miado, fazendo com que outros dez gatos surgissem da escuridão. Antes que pudesse sair correndo, os gatos pularam em cima dele, mordendo os pontos certos que o fizeram desmaiar.

— Tirem-o daqui em silêncio para o templo. Iremos direto para as catacumbas.

Todos concordaram com um aceno da cabeça. Yunet suspirou enquanto via seus guardas arrastarem o homem pelo caminho. Ela olhou para a lua, tão grande quanto uma bola. Estava realmente cansada de se esgueirar pela noite para tomar conta de seu território, mas sabia que era necessário. Nada no mundo era por acaso, tudo era guiado pelas vontades dos deuses.

Ela pegou o amuleto que o assassino havia derrubado, e caminhou tranquilamente para o templo com ele entre os dentes. Quando chegou, Mêmphis já havia aberto a porta da câmara e ajudava os outros a descer com o corpo pesado que carregavam. Ela desceu a escada depois deles.

Não era preciso de luz para onde iriam. Podia ver muito bem nas sombras e não tinham medo do subterrâneo, pois estavam no templo Dela, onde eles faziam parte do Seu ser. Eles tinham Seu poder, e com ele estavam protegidos.

No meio da câmara, já haviam colocado um sarcófago simples, de madeira barata. Ela pensou por um momento e chamou Oziris.

— Aquele não. Afinal de contas, ele é um devoto. Merece um pouco mais que isso.

Osiris acenou e foi com mais alguns gatos pegarem outra tampa que fosse mais adequada. Uma tampa simples, mas com um entalhe rebuscado com o rosto de um gato ornamentava o topo. Era mais que o suficiente.

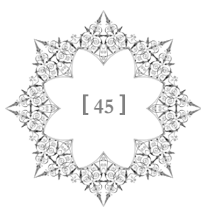
— Que você possa servir do outro lado, humano — disse Yunet ao homem desmaiado. - Ó, Senhora de todos nós! — continuou ela, em pé sobre o peito dele. — Desfrute do servo que enviamos à Vosso auxílio. Que ele possa fazer melhor do Vosso lado o que falhou ao realizar no nosso mundo.

Yunet colocou delicadamente o colar nas mãos do homem e ordenou que fechassem o sarcófago. Chamou Mêmphis mais uma vez e sussurrou para que, no dia seguinte, viesse fazer o processo de sempre. Para que o devoto pudesse ir para o outro mundo.

Ela saiu do templo e respirou fundo. Não era sempre que faziam essa cerimônia, mas esse assassino merecia um pouco mais de respeito do que os outros. Cansada, ela andou elegantemente de volta para a cama que a aguardava na mansão.

Na manhã seguinte, ninguém parecia ter percebido tudo o que aconteceu, nem mesmo ouviram os gritos que vinham das profundezas.

E assim, a paz continuava.





APRESENTAMOS

O CONTO

O velho guardião

Por Paulo José de Tarso Gomes Fernandes

Nascido em Ponta Grossa, é casado, pai de duas crianças, oficial da reserva do exército brasileiro, formado em marketing e propaganda pela Uninter. E desde 2008 é produtor rural no interior do Paraná. Consumidor assíduo de filmes, livros e revistas. Escritor novato.



Essa história foi em uma rua comum dessas de bairro, em uma cidade normal dessas que tem aos montes por aí...

Havia um guardião noturno que patrulhava algumas quadras da minha rua, ele passava a noite fazendo seu serviço de segurança. E apesar não ter um dos braços, suas armas eram um porrete de madeira, uma faca prateada, e pasmem, uma setra ou atiradeira que segurava com a boca, armava com o braço que lhe restará e atirava com exímia precisão pelotas de chumbo e bolas de vidro.

Certas noites eu e alguns amigos ficávamos em frente da casa de meus pais, jogando bola, conversando e algumas vezes seu Antônio (o guardião noturno) vinha nos contar suas histórias.

Morávamos perto do fim da cidade onde começava a mata e aconteciam coisas estranhas a noite. Seu Antônio morava em uma vila onde era tido como uma espécie de xerife misturado com xamã. Ele havia nos contado que já tinha enfrentado todo tipo de bicho e ser sinistro na mata, desde onças até raposas, cobras gigantes, seres humanóides voadores com olhos de “peixe morto”, fantasmas, assombrações e lobisomens. Sim, lobisomens.

Certa noite ele parou perto de nós e disse:

— Já contei para vocês como perdi meu braço? Foi em uma noite de lua cheia, brilhante e muito clara, dava para ver no escuro! Neste tipo de noite eu vejo muito fantasma e bicho ruim! Eu estava andando nesta mata que tem aqui perto, quando um ser enorme e com cara de cachorro pulou na minha frente e me atacou.

Suspirou um pouco e continuou:

— Rolamos no chão, eu dei várias estocadas com minha faca, mas ele não parou e continuou tentando me matar, rosnando e babando! Então em um golpe certo furei o olho daquele desgraçado, ele deu um uivo, ficou de pé e com as duas mãos enfurecido puxou e arrancou meu braço, correndo para a escuridão! Desde então eu jurei que um dia terminaremos esta luta!

Nos olhamos e rimos, sempre achamos que ele era maluco e as suas histórias muito elaboradas para serem verdade. E ficou por isso mesmo. O tempo então foi passando. Seu Antônio já tinha uns 65 anos e ainda trabalhava de vigia noturno da nossa rua. A essas alturas eu e meus amigos já não éramos mais crianças e pouco o víamos.

Era uma sexta feira de lua cheia. Eu havia saído de uma festa e estava indo para casa. Havia muita neblina e uma certa eletricidade no ar. Meu instinto me dizia que havia algo errado acontecendo, mas como a maioria de nós fazemos, apenas ignorei e continuei meu caminho. Ao lado da minha casa havia um terreno vago com muito mato alto e árvores que chegavam a cobrir uma pessoa em pé. Parei o carro para descer e abrir o portão, então senti um vulto correndo e rosnando. Fiquei em estado de alerta e pensei em deixar o carro aberto e entrar rápido em casa. Foi então que eu ouvi um uivo, a respiração ofegante, vi o ser que emergiu da escuridão.

Lembrei automaticamente das histórias do seu Antônio, aquele ser era como ele havia nos descrito, tomado pelo terror corri na direção da rua e ouvi os passos dele cada vez mais próximos de mim.

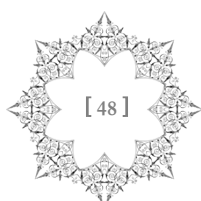
Quando senti que a morte era eminente vi uma luz forte surgir no meio daquela escuridão e neblina intensa. Era o seu Antônio com sua lanterna! Ele então berrou a todo pulmão:

— Hoje vamos acertar nossas contas cachorro infernal!!!

E então me puxou para o lado rapidamente me tirando da alça de mira do lobisomem, que em um ataque certeiro atingiu o velho vigia e ambos rolaram para dentro do mato. O lobo mordeu lhe várias vezes o corpo e o guardião em seu último esforço puxou seu antigo sabre de prata e atravessou a garganta do lobo gigante que sucumbiu e rastejou pelo chão da mata adentro

Chamei por ele algumas vezes e não tive resposta. Depois de alguns minutos tudo se acalmou e o silêncio era sepulcral.

A neblina se desfez e pude ver onde estava o corpo do guardião que em seu último suspiro havia me salvado do lobisomem. Ele havia conseguido, acertou as contas com o ser que havia lhe roubado um dos braços e que passará a vida jurando vingança. Ele agora descansaria em paz. Uma esfera de luz emergiu de seu corpo e revelou sua verdadeira natureza e não me perguntem como, mas na minha mente pude visualizar as várias vidas que aquela alma havia vivido e em todas elas ele era literalmente um guardião.





APRESENTAMOS

O POEMA

Chocante

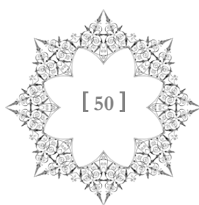
Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Quando não acontece o desejado
— mas ao contrário... o oposto! —
e a surpresa é chocante,
o peso no peito é deprimente
desconsolador... imensamente!
E imensurável é a tristeza...

E como uma afiada e longa
lâmina, sem piedade, sem dó
a iminência do choro
a ser contido, traspassa
toda a substância...
E o mundo desaba ao seu redor.





APRESENTAMOS

O POEMA

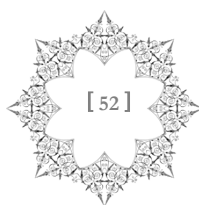
Exquis

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Às avessas dos suspiros
cada ver ten te
aparece de tudo
neste esquisito mundo
desconecta.
La men tos longos
com lágrimas
em sílabas saltitantes
rancor osos
cos tumes
escuros da
ausente dor
ou do esque
cimento da cor.
Na noite
vagueiam a alma
no pôr do sol
que triste
se lança
no es tranho
noturno sono
cada veres.





APRESENTAMOS

O POEMA

Morte como certa

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

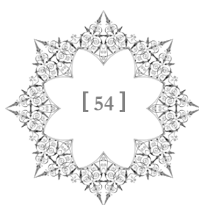


Esta dádiva chamada de Vida,
tão preciosa! Encantadoramente bela!
Mas misteriosa e incompreensivelmente
tão frágil quanto uma brisa!

E quando para um querido...
da sua existência chega-se ao fim...
Que tenebroso! Um bem maior
que nos escapa... em meio a trevas.

Para aceitar o inaceitável,
profunda resignação... entende-se.
Nos confronta com a realidade,
pisa-nos e nos iguala, a mortalidade.

A bruta realidade da morte
que ultrapassa o entendimento...
sentimentos afronta e esmaga...
E só nos deixa saudades e lágrimas.





APRESENTAMOS

O POEMA

De novo

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



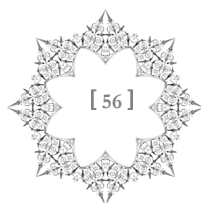
É só a qualquer fonte
de falsas ou veras notícias,
abrir os olhos...
que de repente, dá-se com
incompreensíveis visões
de inaceitáveis atitudes:
uso e abuso dos animais...
domésticos ou selvagens,
adultos ou filhotes.

É de contorcer qualquer coração
que não aceita, tamanho impudor.
A fragilidade da vida,
ante e pelo homem, menosprezada.

Qual seria o prazer que se sente
no escravizar e/ou maltratar outro ser!?...
Quem pode se dar este direito?
Ninguém... mesmo ninguém!

E quando não puder ser evitada
tamanha brutalidade,
rezem aos seus deuses!

E qualquer sofrimento,
tentem minimizar... pois um dia
a hora dos seus, também chegará.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**